

Editora Zain

FOLK MUSIC

Uma biografia de **BOB DYLAN** em sete
canções

Greil Marcus

TRADUÇÃO

João Vitor Schmidt

zain

© Greil Marcus, 2022

© Editora Zain, 2024

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *Folk Music: A Bob Dylan Biography in Seven Songs*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PREPARAÇÃO

Isa Prospero
Cristina Yamazaki

PROJETO DA CAPA

Talita Hoffmann e Julio Abreu

REVISÃO

Marina Saraiva
Juliana Cury | Algo Novo Editorial
Fernanda Guerriero Antunes

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Talita Hoffmann

PROJETO DO MIOLO

Julio Abreu

REVISÃO TÉCNICA

Eduardo Bueno

ÍNDICE REMISSIVO

Júlio Haddad

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marcus, Greil

Folk music : Uma biografia de Bob Dylan em sete canções / Greil Marcus ;
tradução João Vitor Schmidt. – 1ª ed. – Belo Horizonte, MG : Zain, 2024.

Título original: *Folk Music : A Bob Dylan Biography in Seven Songs*

ISBN 978-65-85603-12-6

1. Cantores – Estados Unidos – Biografia 2. Dylan, Bob, 1941- I. Título.

24-211901

CDD-782.42164092

Índice para catálogo sistemático:

1. Bob Dylan : Músicos de rock : Biografia 782.42164092

Cibele Maria Dias – Bibliotecário – CRB-8/9427

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes
30170-132 – Belo Horizonte, MG
www.editorazain.com.br
contato@editorazain.com.br
instagram.com/editorazain

Para Cecily e Steve

“Deixa eu gravar outra”, ele falou para o Wilson. “Depois eu volto nessa.”

“Não”, disse Wilson. “Termina essa. Você vai deixar a gente na mão, e se eu não estou aqui pra mixar, o outro cara vai ficar perdido. É só gravar por cima da última parte.”

“Deixa ele começar do início, cara”, disse um dos quatro amigos sentados atrás de Wilson.

Wilson se virou, incomodado. “Por quê, cara?”

“Não dá pra começar a contar uma história pelo capítulo oito”, o amigo respondeu.

“Ah, cara”, disse Wilson. “Que tipo de filosofia é essa? A gente não está escrevendo uma biografia, a gente está gravando.”

Bob Dylan e amigos no estúdio com o produtor Tom Wilson, gravando *I Shall Be Free N° 10* para “*Another Side of Bob Dylan*”

Sumário

Biografia 11

Em outras vidas 13

Folk music 17

Blowin' in the Wind (1962) 19

The Lonesome Death of Hattie Carroll (1964) 83

Ain't Talkin' (2006) 115

The Times They Are A-Changin' (1964) 151

Desolation Row (1965) 163

Jim Jones (1992) 173

Murder Most Foul (2020) 217

Notas 231

Agradecimentos 239

Créditos 241

Índice remissivo 243

BIOGRAFIA

Bob Dylan nasceu como Robert Allen Zimmerman no dia 24 de maio de 1941, em Duluth, Minnesota, por onde atravessa a US Highway 61, vindo desde a fronteira canadense e seguindo até o golfo do México. Ele cresceu na cidadezinha mineradora de Hibbing na região de Iron Range, onde liderou bandas escolares tocando *doo-wop* e sucessos de rádio, e estudou por um tempo na Universidade de Minnesota, em Minneapolis, onde foi seduzido pela cena da música tradicional americana das Cidades Gêmeas e onde começou a tocar em cafés, em Dinkytown, o reduto boêmio bem do lado do campus. No fim de 1960, foi para Nova York; no final de 1961, como uma das muitas vozes do Greenwich Village, centro do *revival* folk que ganhava destaque no país, gravou seu primeiro álbum com a Columbia Records e pouco tempo depois firmou um contrato com o empresário Albert Grossman, homem extremamente poderoso na cena folk. Pouco depois, em 1965, ele já tinha se tornado uma figura mundial graças a canções visionárias que, embora inspiradas no noticiário, eram de algum modo atemporais — canções sobre injustiça, guerra e o significado da liberdade, como, no início, *A Hard Rain's A-Gonna Fall* e *The Lonesome Death of Hattie Carroll*, cantadas como que por um trovador, um viajante solitário com um violão, e depois, *Bob Dylan's 115th Dream* e *Like a Rolling Stone*, cantadas por um dândi mutante liderando uma banda completa de rock 'n' roll. “Ele decolou como uma estrela em direção ao firmamento”,¹ disse o cantor folk irlandês Liam Clancy ao biógrafo Howard Sounes, recordando as várias overdoses e suicídios daqueles

do mundo do folk que ficaram para trás. “Ele era um de nós e, de repente, estava lá. [Ele] era o que cada um de nós provavelmente queria ser, e [a gente] percebeu que agora o raio tinha caído. E não ia cair de novo no mesmo lugar.” “O poeta laureado do rock ‘n’ roll!”, anunciava o diretor de palco Al Santos quarenta anos depois, citando, mas também parodiando de forma bem-humorada, uma reportagem de 2002 de Jeff Miers para o *Buffalo News* sobre um dos shows que estava por vir: “A voz da promessa da contracultura dos anos 1960. *O cara que forçou o folk a dormir com o rock*, que apareceu maquiado nos anos 1970 e desapareceu em uma nuvem de abuso de substâncias, que ressurgiu para encontrar *Jesús*, que foi descartado como démodé no fim dos anos 1980, e que de repente trocou de marcha e lançou algumas das músicas mais fortes de sua carreira a partir do fim dos anos 1990. *Senhoras e senhores, o artista da Columbia Records, Bob Dylan!*”. Em 2010, ele tocou *The Times They Are A-Changin’* na Casa Branca (e “desapareceu sem dizer uma palavra”, Barack Obama escreveu depois).² Em 2016, recebeu o prêmio Nobel de literatura. Em 2020, postando a canção de dezessete minutos *Murder Most Foul* no próprio site, chegou ao topo das paradas de singles da Billboard pela primeira vez. No outono de 2021, anunciou uma turnê marcada para durar até 2024. No topo do pôster da turnê havia uma faixa que dizia: AS COISAS NÃO SÃO O QUE ERAM...

EM OUTRAS VIDAS

“Eu me vejo nos outros”,¹ disse Bob Dylan em Roma, em 2001, diante de uma multidão de jornalistas. E se há algo de fundamental em seu trabalho desde sempre, talvez seja isso. É a empatia que move suas canções: o desejo e a habilidade de entrar em outras vidas, e até de reencenar e representar os dramas vividos por outras pessoas, à procura de outros finais. Em alguns casos, significa assumir uma narrativa — histórica, como a do homem por trás das diferentes vozes em *Who Killed Davey Moore?*; inventada, como a do fazendeiro em *Ballad of Hollis Brown*; ou herdada de outras canções, especialmente aquelas das quais não se conhece o autor nem sua procedência, como a do ladrão em *When First Unto This Country*, vinda direta dos palcos, já que nunca chegou a ser gravada para um álbum; ou em *Jim Jones*, do álbum “*Good As I Been to You*”, de 1992. Incorpora um personagem por completo, a ponto de viver a vida dele enquanto ouvimos a canção. Pode significar, também, tentar salvar alguém que está se afogando, enquanto o cantor confronta uma jovem seduzida e abandonada como em *Like a Rolling Stone*. Em outros casos, significa ingressar em vidas e identidades inventadas ou descobertas para si mesmo — como nas mudanças de traje, rosto, corte de cabelo e semblante pelas quais o próprio Bob Dylan passou, como se estivesse numa série cinematográfica de *cliffhangers* que vêm e vão: ora o próximo Woody Guthrie, ora o último Rimbaud; ou o proprietário rural, e em seguida o pregador mandando multidões para o inferno; ora o arquivista daquilo que ele chamou de “música tradicional histórica”, ora alguém sussurrando que

vai largar corpos na estrada. E, como disse o cineasta Todd Haynes, “assim que uma dessas pessoas dá lugar a outra, a gente nunca mais a vê”. “Uma vez escrevi uma canção sobre Emmett Till em primeira pessoa, fingindo ser ele”, Dylan disse em 1964.² “Estou escrevendo uma chamada *The Death of Robert Johnson*”, declarou em 1962,³ e podemos imaginá-lo no Gaslight Cafe numa noite qualquer, tentando convencer quem estivesse ali de que ele sabia do que estava falando. Isso porque, como diria a respeito de Johnson anos depois, ele era “alguém que estava me contando onde estive e eu não, contando como era lá — alguém cuja vida eu consigo sentir”.⁴ E assim tinha o direito de cantar como um menino negro linchado no Mississippi em 1955; podia se apresentar como um cantor de blues envenenado por um marido ciumento no Mississippi em 1938, fingindo ser ele, ou talvez os dois ao mesmo tempo, quem sabe cantando a melodia de *Terraplane Blues* de Johnson, sentimental e cheia de clichês no começo. Sentimental porque *era* um clichê, mas quem sabe não tanto:

*I feel so lonesome
You know you can hear me moan
Yes I feel so lonesome
Even you can hear me moan
I can't walk, I can hardly talk
My hands are cut down to the bone**

Essa variedade de personagens mostra que ninguém tem uma única identidade, e é por isso que Bob Dylan pode, aos oitenta anos,^{**} num filme *noir* pandêmico, apresentar suas canções como se fossem de outra pessoa; cantar *Just Like Tom*

* Me sinto tão sozinho/ Você sabe que eu estou gemendo/ Sim, me sinto tão sozinho/ Até você me ouve gemer/ Não consigo andar, mal consigo falar/ Minhas mãos estão cortadas até o osso

** Oitenta e três anos na data de publicação desta edição. (N. E.)

Thumb's Blues como se tivesse sido gravada originalmente por Frank Sinatra, ou assumir a vida de qualquer outra pessoa como se fosse sua. Isso inclui todos os personagens em todas suas músicas, tanto aqueles do que se chama de “vida real”, como Tom Paine em *As I Went Out One Morning*, como também os que aparecem do nada, como o xerife em *High Water (for Charley Patton)*, que até onde se sabe pode ser o próprio Charley Patton, sumidade do blues no Mississippi da década de 1920, dirigindo seu Buick novinho, com polainas nos pés (o que põe em debate toda a noção de biografia e a sua importância). “Já fui casado várias vezes”, Bob Dylan disse em 2001.⁵ “Nunca tentei esconder isso. Só não saio por aí contando da minha vida. Escrevo canções, toco no palco e gravo discos. É isso. O resto não é da conta de ninguém.” O que sobra da ideia de uma biografia — e, nestas páginas, uma tentativa de biografia feita de canções e gestos públicos — é um formato, um contexto de referência, uma fonte de vida para certas canções, talvez, ou certas canções como fonte do próprio sentido de vida do compositor, mas nunca a chave para o que significam. O que quer dizer que, para uma canção, a biografia de seu compositor ou intérprete é, na pior das hipóteses, não a chave, mas uma prisão, uma maneira de limitar o que a canção pode dizer e aonde pode ir, ao condicioná-la sempre a seu autor, deixando de lado o ouvinte, a pessoa para quem a canção na verdade se destina. E significa que, na melhor das hipóteses, ao menos com um compositor de canções, uma biografia é um outro tipo de canção: por trás das histórias supostamente diferentes que se pretende contar, é preciso um padrão que se repita, a sensação ampla e idiossincrática de ritmo conhecida no blues como *country time*, como na versão de Bob Dylan de *Once Upon a Time* de Tony Bennett, de 2017, e em sua própria *Like a Rolling Stone*, de 1965.